

Ana Maria Machado. *Vestígios: Contos*. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2021. 111p.

Vestígios, lançado em 2021 pela Alfaguara, é o primeiro livro de contos de Ana Maria Machado. A jornalista, pintora, professora, escritora e imortal das letras brasileiras, possui uma vasta obra que envolve tanto literatura infantil, juvenil e adulta, quanto ensaios. Ela é ganhadora de diversos prêmios, entre eles três Jabutis, o Machado de Assis (pelo conjunto da obra) e o mais importante prêmio de literatura infantil, o Hans Christian Andersen. Com *Vestígios*, a autora explora, de modo singelo e sensível, as relações familiares e cotidianas e inaugura um gênero até então não adentrado, mas que comprova sua habilidade em tramar suas linhas nas mais diversas formas.

Vestígios abarca onze contos: “Estações”, “A melhor parte”, “Burrinho de presépio”, “O.K., você venceu”, “Além das fronteiras”, “Tratantes”, “Sem deixar rastros”, “Em nome do pai”, “Não mais”, “Uma velhota frágil” e “Todas as filhas”. O leitor, ao final de cada conto, entreabre um sorriso, ao contemplar a delicadeza narrativa e bem construída dessa coletânea. A obra, além disso, é despretensiosa e não procura rebuscar a escrita ou envolver o texto em mil e uma peripécias. Ao contrário, cada conto é tecido de forma direta, clara e simples (mas longe do simplório). Não obstante, vislumbra-se, nas narrativas, quadros poéticos, envoltos em um cuidadoso trabalho com a linguagem.

Os *Vestígios* de Ana Maria Machado percorrem as fronteiras do tempo, da memória e das relações pessoais. O rastro dessas relações localiza as personagens ou as situações apresentadas nos interstícios dos leitores, entranhando-se para além dos poros e fazendo com que eles se reconheçam no carinho familiar, no aconchego de uma avó ou de seus netos, na experiência de um conselho paterno, no calor afetivo que degela um coração empedernido, enfim, no contato entre pessoas que abraçam e confortam.

Os contos da coletânea, em sua maioria, constituem-se de narradores heterodiegéticos, com exceção de “O.K., você venceu”, narrado em segunda pessoa do singular. O primeiro conto, “Estações” apresenta um episódio na vida de um pai e um filho, mais especificamente no encontro dos dois no Canadá após um tempo de distância, devido aos estudos do rapaz. Pai e filho vão almoçar em um restaurante chamado *Seasons* e, coincidentemente, encontram outro brasileiro que reconhece o homem mais velho e relembra de um acontecimento de suas vidas. Esse acontecimento era apenas uma cena apagada da memória dos primeiros – que “de repente se desenhava vívida na memória de ambos” (p. 17) –, mas que marcara a vida do último e mudara seus caminhos.

O segundo conto, “A melhor parte” principia com um ditado popular que conduz a narrativa: “— Quem parte, reparte, e não fica com a melhor parte... ou lhe sobra siso ou lhe falta arte” (p. 29). O enredo centra-se em duas irmãs que repartiam e compartilhavam a vida em “[â]ngulos totalmente diferentes. Mas complementares” (p. 31). Em “Burrinho de presépio”, tem-se a história de Glorinha, que aprendera desde menina a ser contida. Adulta, tornara-se uma mulher silenciosa, uma presença discreta. Enviuvou cedo: “Criou o filho sozinha, nos desertos do silêncio. Envolveu-o num amor onipresente, mas guardado a sete chaves. Parco de carícias. Imune a derramamentos” (p. 37). Depois que o jovem casara e mudara de cidade, ela ficou com seu vazio:

Jamais deixou que desconfiassem do mundo invisível que guardava em si. (...) De vez em quando, ele transbordava, escorrendo lentamente dos olhos. De início, uma ou outra gota, tímida. Depois, foram ficando habituais. Meia dúzia que fossem, para Glorinha eram cachoeiras ocultas. Continuava sem demonstrar a ninguém. (...) Derramava o sumo de uma vida inteira de gestos represados. (p. 37-38).

As netas nasceram, três. A avó Glorinha, em certo Natal em que a família se reuniu em sua casa, acabou por se emocionar com o carinho das meninas, desmantelando as represas de seu coração em “Milágrimas de Natal” (p. 39).

O conto “O.K., você venceu” aborda a história de um casamento aberto em que o homem quebra o pacto – de “não alimentar intimidades” (p. 41) com outros parceiros –, e a mulher, por sua vez, descobre novos horizontes no olhar de um velho amigo. Já o quinto conto, “Além das fronteiras”, apresenta a relação de uma mulher

com um cormorão ou biguá – uma grande ave pescadora, assemelhada à gaivota. O conto se passa em uma cidadezinha litorânea do interior da França em que a mulher, Marina, estabelece contato com a ave que pousava em sua janela para comer os restos dos peixes limpados por ela. Depois, ao mudar-se com o marido para um novo endereço, um pouco mais distante do mar, o pássaro torna a visitar sua janela: o biguá adotara Marina.

Por sua vez, “Tratantes” fala de um dia na vida de uma avó, dona Lúcia, com seus netos: momentos dedicados à fabricação de lembranças. Entre carinhos e cuidados, Lúcia contava aos netos histórias que sua avó teria narrado a ela quando menina – histórias com gosto de memória e legado: “E foi encadeando as palavras, enquanto a tarde ia embora e a noite chegava, numa história que ia durar mais que ela, e um dia, quem sabe?, talvez fosse contada, em feitiço de despedida, a uma menina, a uma menina pequena por uma mulher mais velha que se lembraria daquele dia pleno. Enquanto tivesse memória” (p. 63).

“Sem deixar rastros” é o sétimo conto de *Vestígios* e retrata o romance extraconjugal de um homem que perdera o único filho e a esposa ficara estéril após uma cirurgia. Esse homem busca apagar evidências que pudessem contar da sua passagem pela vida da amante. Entretanto, após sumir das vistas da mulher (rompendo o caso amoroso sem dar explicações), acaba por encontrá-la com “uma evidência muda no ventre pleno” (p. 69). Ela passou por ele ativa, sem olhar para trás: “seguiu adiante em sua serena navegação. Preenhe de promessa viva. (...) Sumira no mapa, levando no ventre a única linha que ele lançara ao mar do futuro. O único sinal que o sangue dele ia deixar no mundo”. (p. 69-70).

O oitavo conto, “Em nome do pai”, rememora um tempo de prisões políticas, tendo como protagonista padre Olímpio. A história abrange, de certo modo, a memória social do país, mesmo que essa memória retratada seja desenvolvida de modo suave, quase lúdico. O cenário do conto é uma prisão em um quartel militar, mas o foco centra-se em jogos de futebol e na lembrança do pai do padre que, em sua infância, o incentivava e aconselhava-o a seguir o espírito de equipe, não deixando os outros na mão.

Dando sequência à ordenação da coletânea, tem-se “Não mais”, um conto que também aborda um tempo de memória, da memória de um idoso que perpassa as

fronteiras do “ainda não” e do “não mais”. Esse senhor cruza tal limiar a partir da reminiscência, da lembrança de um quadro idílico de sua meninice, buscando “dentro de si o encantamento com a vida que experimentou na infância” (4ª capa). Já “Uma velhota frágil”, é permeado por um humor sutil e enfoca um assalto sofrido por uma senhora em um ônibus. O contraste e gracejo do conto situa-se no fato do salteador levar a pior pelas mãos dessa “velhota frágil”, mas com mãos fortes.

Por fim tem-se “Todas as filhas” encerrando *Vestígios*. O conto inicia com a epígrafe da fala de uma personagem shakespeariana, Viola, de *Noite de Reis* – fala essa que intitula o conto de Ana Maria Machado. “Todas as filhas” focaliza a reminiscência de Olívia – mesmo que narrado em terceira pessoa –, concentrando-se no final dos anos de 1950, quando de sua ligação com Miguel: um jovem casado, estudante da Escola de Belas Artes, e com vinte e seis anos à época. Ela era pouco mais que uma criança. O envolvimento durou dois anos: “Um tudo de namorinho adolescente escondido. Quando não eram mais adolescentes. Eram só apaixonados” (p. 97). O entrecho da história se dá quando ele a pressiona para viverem juntos e ela se sente na obrigação de conversar com o pai a respeito. É o diálogo entre pai e filha o cerne da narrativa.

A decepção do pai frente ao envolvimento de Olívia com um homem casado faz com que conteste a educação liberal empregada na criação das filhas, fator que modificaria a relação dele para com as irmãs mais novas da protagonista. Olívia se vê, então, entre a paixão por Miguel e o futuro das irmãs:

— Você que gosta tanto de poesia... até parece que anda confundindo os personagens.

(...) — Tem o nome de Olívia, mas devia dizer a fala de Viola.

(...) — Você não disse uma vez que tem esse nome porque seus pais gostavam da *Noite de Reis*, do Shakespeare? Poie então, não é Olívia, mas Viola, quem diz que é todas as filhas do pai ao mesmo tempo. (...) A esta altura, se sacrificar e abrir mão da própria vida para ceder a uma chantagem envolvendo as irmãzinhas... (p. 109).

A jovem, entretanto, aceita o pedido conciliatório do pai de afastar-se de Miguel para pensar com isenção, estudando no exterior. Ao término do tempo, Olívia reencontra o amante acompanhado de outra garota e, ao conversarem, descobre que ele não saíra de casa e que sua esposa estava grávida novamente: “A nova conversa com o pai nunca aconteceu. (...) E ela era até capaz de achar graça e rir de si mesma,

ridícula, a querer se ver como todas as filhas de seu pai, igualzinha à Viola de Skakespeare. / Melhor se contentar com menos. Ser apenas Olívia” (p. 111).

Ana Maria Machado se estende no feitiço dessas histórias curtas com a mesma maestria com que tece cada fio das demais tramas compostas por ela. Os *Vestígios* de Ana Maria cheiram a maresia, imprimem o colorido das pinturas presentes em alguns dos textos, fazem ouvir a melodia dos pássaros que, mesmo não estando presentes como foco – tal qual “Além das fronteiras” –, pairam na paisagem com seus cantos sutis e delicados. O cotidiano presente na obra tem aroma de café quentinho, de saudade gostosa que se mata com abraço, de casa de avó, de afago de neto e de tempos que se aproveitam no agora ou que se guardam no peito em nostalgia. Enfim, *Vestígios* sabe a vida de toda gente, em gosto do que é simples, do que é bom, principalmente em um tempo de distanciamento e reclusão.

Christini Roman de Lima

Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM) - Campus Higienópolis, SP.
<https://orcid.org/0000-0001-6181-193X>; christiniroman@gmail.com.